



Entrevista: Pedrinho Guareschi

“Sem comunicação, não há salvação” – um olhar sobre as relações entre mídias de massa, religiões e igrejas na atualidade

Filósofo, psicólogo, professor, religioso, escritor, tradutor e ativista pelos direitos humanos, Paulinho Guareschi conhece a fundo as relações entre mídia e sociedade. Como membro do grupo Ética na TV do Comitê de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados (que implementou a campanha “Quem Financia a Baixaria é contra a Cidadania”), colaborou para a afirmação de princípios éticos no campo das mídias de massa. Durante 40 anos foi professor titular, orientador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde, atualmente, é pesquisador CNPq 1-A. Nesta entrevista, Guareschi fala sobre o papel de tecnologias como a internet para a expansão e para a sobrevivência das religiões.

Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho
e Paulo Júnior Silva Leão***

O que o senhor pensa sobre as igrejas ou religiões que se mediatizam através da internet?

Pedrinho Guareschi: A primeira coisa que acho que seria interessante acentuar é que a mediatização vem como uma tendência, vamos dizer assim, inevitável. Não adianta você guerrear. São as grandes descobertas maravilhosas das novas tecnologias. É coisa fantástica, por exemplo, a gente perceber como, hoje em dia, a gente unificou as três linguagens - texto, imagem e som - no bit. A linguagem digital é coisa extraordinária e a gente vive isso e não se dá conta. Essa tendência perpassa todas as outras organizações da sociedade. E é isso que Thompson designa como mediatização ou mediação da cultura moderna. Não há nada, hoje, que não passe

* Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo, mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina. É especialista em Marketing e Comunicação Social pela Fundação Cásper Líbero, contato: edumeinberg@gmail.com

** Bacharel em Filosofia pela Faculdade Arquidiocesana de Filosofia – MG, contato: pauloleaocssr@gmail.com

pela cultura. Nós certamente entraremos, não em uma época de mudança, mas em uma mudança de época. E, com a religião não vai ser diferente. Não é diferente!

Isso já perpassa totalmente o livro de Thompson que eu traduzi, “O Escândalo Político”, em que ele mostra a importância da mídia hoje na política, a construção do capital simbólico... isso tem alguma coisa a ver com religião, por isso, vou enfatizar esse ponto. O político vive de outro capital que não é o capital financeiro, é o capital simbólico. Olha, o capital simbólico - podemos recorrer a Bourdieu, que trabalha essa questão - se baseia na credibilidade do político. Este precisa construir credibilidade e isso se dá fundamentalmente através da mídia.

Neste sentido, como o senhor percebe as discussões sobre religião/ igreja na internet?

Pedrinho Guareschi: A mesma coisa ocorre com as religiões. Elas precisam construir um capital simbólico se quiserem passar uma mensagem. Eu não acho que haja algo de errado em usar a internet. A grande questão é se a internet dá conta de todo o objetivo que teriam as igrejas. Eu faço uma distinção, aqui, entre religiões e igrejas, uma distinção sociológica. As religiões são grandes iluminações, as religiões são mensagens. Mensagens absolutamente incompatíveis de serem entendidas em sua totalidade, porque são luzes e por isso, são, até certo ponto, inesgotáveis. São horizontes! Ao passo que as igrejas são instituições que tentam, até certo ponto, dar conta dessa mensagem. Mas, como ocorre com toda instituição, nunca dão conta de toda mensagem. Eu posso usar uma embalagem, que é uma instituição. Essas embalagens ou igrejas, creio, vão ser bem ajudadas pelo uso da internet, o uso do midiático. Elas poderão, assim, desenvolver seus objetivos de uma maneira mais abrangente. Eu penso que uma igreja que se recusa a entrar na internet não vai dar conta de ser fiel à sua mensagem.

Quais as possíveis imbricações entre “religiões da internet” e “religiões (como assunto) na internet”?

Pedrinho Guareschi: Estou lembrando agora o que falei sobre a benção e maldição da internet. A benção é exatamente um espaço infinito que está à disposição, com rapidez, dando a possibilidade de todos poderem expressar sua opinião, manifestar seu pensamento. E, de uma maneira instantânea, isso vai ter uma grande benção. Agora, a maldição da internet, se podemos dizer assim, entre aspas, é que ela não consegue dar esse calor humano que a própria comunidade dá. Eu lembro que falei da questão do enquadramento, que é um dos recursos muito procurados hoje em dia para se poder suprir, até certo ponto, a grande falta que faz a presença física. O enquadramento é muito “manipulatório”. Eu posso dar ênfase a determinados

aspectos da impossibilidade de uma presença física. Então, por exemplo, ponho só o rosto da pessoa, só o olho da pessoa, um pequeno detalhe. Isso já é um conteúdo da mensagem. Ou posso, contraditoriamente também, diminuir a força dessa mensagem colocando o objeto a que me refiro visto de cima para baixo e, principalmente, colocá-lo no meio de uma porção de coisas, reduzindo sua ênfase etc. Estou falando então da maldição, entre aspas, da internet, no sentido de que ela não consegue essa presença física, esse calor humano do gesto e do contato. Mas, posso reduzir essa falha com o enquadramento que eu dou às imagens. Um pouco isso, então, seriam as relações entre as duas. Ao mesmo tempo, acho que uma religião que só fica na internet não sobrevive, porque, como observei, ela precisa ter um suporte físico. Um dos grandes problemas hoje do midiático na academia, principalmente quanto às referências científicas de um artigo, é que eu não sei por quanto tempo aquilo vai ficar online, o quanto aquilo vai ficar disponível na internet. Eu sei que um livro fica na biblioteca, eu recupero aquilo que foi dito. Mas, quanto à internet: vai haver, eu diria assim, “bibliotecas de internet” que vão guardar tudo aquilo que aparece na internet? Eu sei de uma pessoa, não sei se no Brasil ou fora, que está se propondo a documentar em livros tudo o que aparece na internet. É um trabalho imenso. Isso foi uma reportagem que apareceu numa revista, eu até posso recuperar isso. Mas esse é um trabalho tremendamente infinito de poder, então, documentar. Quando desaparecer essa referência da internet, então eu teria aquilo em livros. Mas, referindo-me especificamente às igrejas que só trabalham com internet, seria uma coisa mais ou menos análoga. Não haveria o suporte de uma instituição. Não sei se isto existe. Mas eu não vejo a possibilidade de uma religião apenas na internet. Acho que ela não sobrevive. Assim como você não consegue segurar o fluxo o tempo todo, você não vai poder segurar uma instituição, porque instituição é certa materialização de uma ideia, e essa materialização implica - Weber discute muito bem isso - a instituição, o carisma e o poder, de como os carismas, as ideias, etc. têm em certo momento de se materializar em instituições. Então, ela perde o seu poder carismático. Assim também na internet. No momento em que eu materializo, instituo, perco o poder. Mas, é imprescindível para certa continuidade e desenvolvimento.

Partindo de sua frase “Sem comunicação não há salvação”, poderíamos afirmar que, em um contexto de concorrência religiosa, as religiões que não se validarem no marketing religioso estão fadadas ao fracasso?

Pedrinho Guareschi: Quanto à frase “sem comunicação não há salvação”, eu falei isso mais no contexto filosófico-antropológico da ação comunicativa do Habermas, que queria dizer o seguinte: quando eu falo, tenho pressupostos da

fala, estou implicando que, quando falo, pressuponho que aquilo seja verdade, pressuponho que eu não esteja prejudicando ninguém, pressuponho que eu esteja falando sinceramente. Esses são os quatros pressupostos. Se eu reclamar de um desses pressupostos - como, por exemplo, na percepção “parece que eu não estou sendo sincero” -, a única maneira de reclamar é, de novo através, da comunicação. E, se eu reclamar de qualquer outro desses pressupostos, não há outra maneira a não ser através da comunicação. Por isso, quem prescindir da comunicação, prescinde da vida em sociedade. Ele tem de se isolar na caverna. Tem de viver sozinho. Acho que isso, de fato, nem pode ser concebível. É impraticável. Então, a comunicação ainda é nossa salvação. Até na ética do discurso, não apenas na fala, é que reproduz isso novamente. Agora, transpondo isso: sem a comunicação na internet não há salvação? Não! Eu acho que essa internet bebe dos mesmos pressupostos da fala de que Habermas reflete. Então, sem comunicação em geral, não há salvação. E uma das comunicações é a internet.

Recebido: 12/11/2012

Aprovado: 25/11/2012